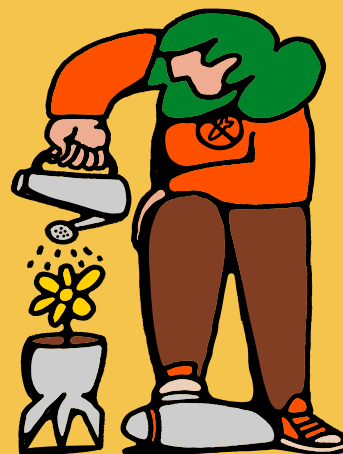




O caso pela abolição

Para proteger a humanidade dos danos catastróficos e irreversíveis que as armas nucleares foram concebidas para infligir, os governos devem trabalhar com urgência para eliminá-las.

Dezenas de milhares de armas nucleares já foram desmanteladas em resposta aos apelos de pessoas em todo o mundo pela abolição. Um país, a África do Sul, eliminou completamente suas armas nucleares; dezenas de outros abandonaram planos para adquiri-las.

No auge da Guerra Fria, havia cerca de 70.000 armas nucleares, com reduções significativas no estoque global alcançadas entre meados da década de 1980 e o início dos anos 2000.

Mais recentemente, porém, os programas de desmantelamento de ogivas chegaram a um impasse, e algumas nações com armas nucleares estão agora expandindo seus arsenais em ritmo sem precedentes. Nenhuma delas apresentou um plano para o desarmamento total.

Mas a grande maioria das nações do mundo permanece fortemente contrária às armas nucleares e quer que sejam abolidas sem demora.

Não basta apenas impedir a disseminação dessas armas para mais nações, ou impor limites às circunstâncias em que poderiam ser usadas. Dada a gravidade da ameaça que representam para toda a vida em nosso planeta, o abolicionismo é a única resposta.

Imorais, ilegais e antidemocráticas

As armas nucleares infligem morte e destruição em escala massiva e ameaçam a própria sobrevivência da humanidade. O assassinato e mutilação indiscriminados de centenas de milhares de pessoas jamais poderão ser moralmente justificados.

Qualquer uso de armas nucleares violaria o Direito Internacional e constituiria um crime de guerra da mais alta ordem. Armas com efeitos catastróficos jamais poderão servir a um propósito militar ou estratégico legítimo.

Em todo o mundo, inclusive nas nações com armas nucleares, pesquisas de opinião indicam forte apoio público para a abolição. Os governos que continuam a desenvolver arsenais nucleares estão agindo de forma contrária à vontade — e aos melhores interesses — de seus cidadãos.

Todos, em todos os lugares, têm a ganhar com a eliminação dessas mais terríveis armas.

Dissuasão nuclear

As nações com armas nucleares frequentemente invocam a teoria da “dissuasão nuclear” para justificar a manutenção de arsenais nucleares. Argumentam que suas armas têm o único propósito de dissuadir outras nações de iniciar um ataque nuclear e que, como tal, contribuem para a paz e a estabilidade.

A maioria das nações, entretanto, rejeita essa lógica e vê a dissuasão nuclear como uma abordagem perigosa, equivocada e insustentável para a segurança. Além disso, ela é inerentemente agressiva, pois se baseia em uma ameaça constante e crível de infligir morte e destruição em larga escala.

Ao contrário do que afirmam os defensores da dissuasão, a existência de armas nucleares no mundo não impediu conflitos, incluindo atos de agressão contra nações com armas nucleares. Na verdade, as armas nucleares tornaram guerras e confrontos mais prováveis ao exacerbar tensões e possibilitar coerção e chantagem.

A teoria da dissuasão sugere que as armas nucleares são uma fonte legítima e desejável de segurança. Isso encoraja a proliferação e dificulta o desarmamento.

O risco crescente de uso

O risco de uma arma nuclear ser usada hoje, seja por acidente ou intencionalmente, é tão alto quanto jamais foi — e parece estar apenas aumentando.

Isso se deve a fatores como o grave ambiente de segurança internacional, as tensões elevadas entre nações com armas nucleares, o fortalecimento de suas forças nucleares e a erosão de normas e instituições internacionais.

A busca por capacidades cibernéticas ofensivas, tecnologias autônomas e inteligência artificial no domínio militar torna a ameaça ainda maior.

Manter armas nucleares em alerta máximo — prontas para uso em minutos após um aviso de ataque iminente — é uma prática particularmente perigosa. Uma vez lançado, um míssil com ogiva nuclear não pode ser recolhido. Ele deve prosseguir até seu alvo, mesmo que o lançamento tenha sido baseado em informações falsas.

Na neblina da guerra, os líderes tendem a agir de forma irracional e imprevisível. O potencial para mal-entendidos é especialmente grande em situações estressantes e caóticas.

É fácil demais imaginar como um momento de pânico ou crueldade, um ego ferido ou um ruído de comunicação poderia levar a uma catástrofe global, já que o vasto poder de desencadear a devastação nuclear está concentrado nas mãos de alguns poucos indivíduos.

Em múltiplas ocasiões durante a Guerra Fria, o mundo esteve perigosamente próximo de vivenciar uma guerra nuclear em escala total. O incidente mais famoso foi a crise dos mísseis cubanos de 1962, envolvendo os Estados Unidos e a União Soviética.

O fato de as armas nucleares não terem sido usadas em conflito desde 1945 tem mais a ver com a sorte do que com a boa gestão. E mais cedo ou mais tarde, nossa sorte vai acabar — a menos que medidas eficazes sejam tomadas para eliminar essa ameaça.

Acidentes e erros

Não existe apenas o risco do uso deliberado de armas nucleares; elas também poderiam ser detonadas como resultado de erro humano, falha técnica, ataque cibernético, alertas mal interpretados ou acesso não autorizado aos sistemas de comando e controle.

Os inúmeros acidentes envolvendo armas nucleares desde 1945, bem como os incidentes em que elas quase foram usadas por engano, demonstram o alarmante potencial para um desastre não intencional.

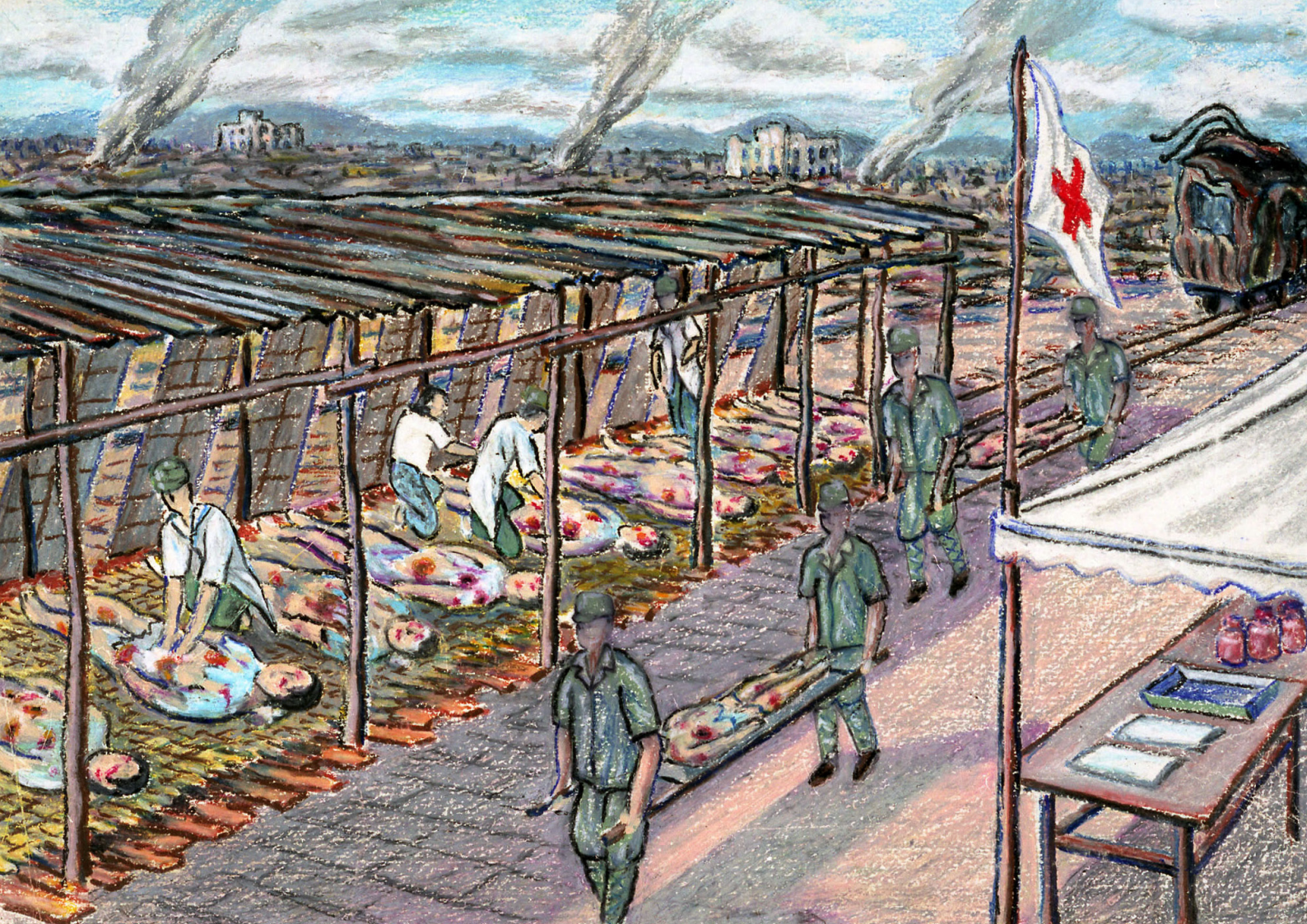
Em 1968, por exemplo, uma aeronave americana carregando quatro bombas nucleares pegou fogo e caiu perto da Groenlândia, contaminando a área ao redor com plutônio. Felizmente, embora explosões tenham ocorrido, nenhuma reação nuclear em cadeia foi desencadeada.

Em 1995, autoridades russas confundiram o lançamento de um foguete científico norueguês com um míssil balístico lançado por um submarino americano. O presidente russo chegou a recuperar os códigos de lançamento para um ataque de retaliação, mas determinou, por fim, que se tratava de um falso alarme.

Outros incidentes profundamente perturbadores envolveram a perda de armas nucleares no mar, colisões entre submarinos nuclearmente armados, cisnes em voo e luz refletida em nuvens sendo confundidos com mísseis de ogiva nuclear, e a inserção inadvertida de fitas de treinamento em um computador operacional que simulou um ataque nuclear em curso.



Em 1961, duas bombas nucleares caíram no solo no estado americano da Carolina do Norte quando um bombardeiro perdeu uma asa. “Pela mais tênue margem do acaso, literalmente a falha de dois fios em se cruzarem, uma explosão nuclear foi evitada”, disse Robert McNamara, secretário de defesa dos EUA na época. Crédito: Governo dos EUA



A representação de um sobrevivente de Hiroshima de um posto de socorro em 1945. Os feridos morriam um após o outro. Crédito: Fumiko Yamaoka

Nenhuma resposta humanitária possível

O uso de uma única arma nuclear em qualquer lugar do mundo sobrecarregaria a infraestrutura de saúde, tornando impossível uma resposta humanitária eficaz.

Hospitais e farmácias, equipamentos de combate a incêndio, sistemas de comunicação e transporte estariam todos em escombros em uma zona de destruição total que se estenderia por quilômetros.

Aqueles que tentassem prestar socorro aos doentes e feridos estariam expostos a altos níveis de radioatividade, arriscando suas próprias vidas.

O Comitê Internacional da Cruz Vermelha advertiu repetidamente que não existe capacidade de resposta adequada no caso do uso de uma única arma nuclear, quanto mais de uma guerra nuclear em escala total, e que tal capacidade jamais poderia ser desenvolvida.

Da mesma forma, a Organização Mundial da Saúde concluiu que “o que restasse dos serviços médicos no mundo não poderia aliviar o desastre de forma alguma significativa.”

Bunkers podem ajudar?

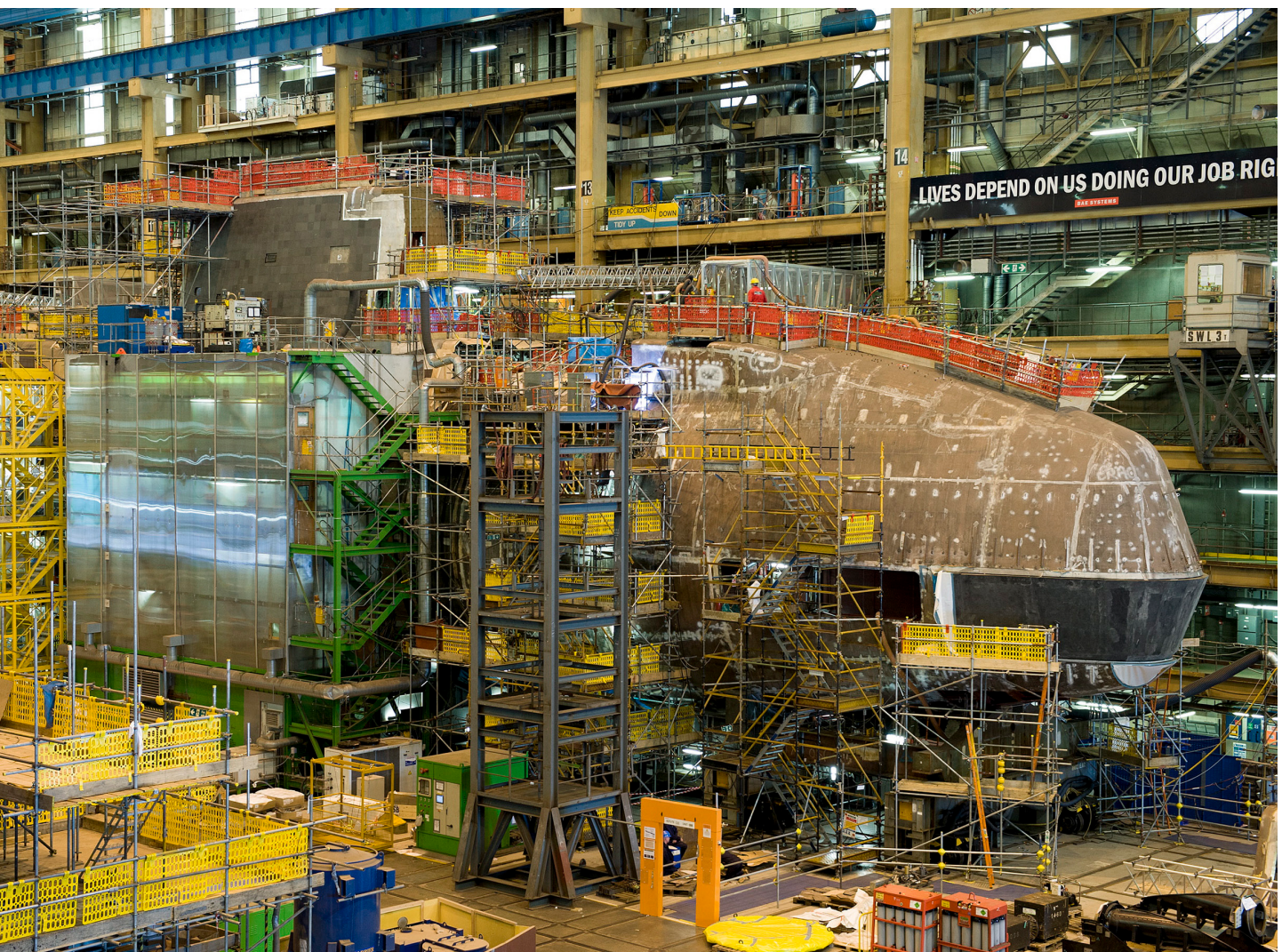
Construir mais bunkers nucleares, ou abrigos antirradiação, não é a solução. Populares durante a Guerra Fria, eles dão aos cidadãos uma falsa sensação de segurança quanto à possibilidade de sobreviver a uma guerra nuclear.

No caso de um ataque nuclear, é improvável que alguém receba um aviso prévio, portanto não haveria oportunidade de buscar abrigo.

Além disso, muitos dos bunkers próximos ao ponto zero se tornariam fornalhas, matando todos no interior. De fato, algumas armas nucleares são especificamente projetadas para penetrar fundo na terra e destruir bunkers.

Aqueles que conseguissem encontrar um bunker a tempo e sobreviver dentro dele se depararia, ao sair, com uma paisagem infernal e radioativa, com poucas chances de serem resgatados.

Um submarino com armamento nuclear em construção no Reino Unido. Crédito: Governo do Reino Unido



Um desperdício de recursos

A cada ano, as nações nuclearmente armadas gastam muitos bilhões de dólares aprimorando e expandindo suas forças nucleares — dinheiro que poderia ser investido em saúde, educação, redução da pobreza e medidas para enfrentar a crise climática.

Em algumas nações, corporações obtêm grandes lucros apoiando o desenvolvimento e a produção de armas nucleares. Institutos de pesquisa e universidades também estão envolvidos e se beneficiam financeiramente.

Encerrar esse trabalho que coloca vidas em risco libertaria recursos para outros fins e permitiria que algumas das mentes científicas mais brilhantes contribuíssem para um mundo mais pacífico — em vez de aperfeiçoar a capacidade de seus exércitos de matar e destruir em massa.

Um obstáculo à paz

As armas nucleares não fazem nada para enfrentar nenhum dos desafios de segurança atuais. Pelo contrário, tornam muitos deles piores ou são sua principal causa.

Alcançar a abolição permitiria relações mais harmoniosas entre as nações e criaria oportunidades para uma maior cooperação internacional, beneficiando pessoas em todo o mundo — incluindo, e não menos importante, as nações atualmente armadas com armas nucleares.

Seria um bem público global da mais alta ordem, servindo tanto aos interesses de segurança nacionais quanto coletivos.

Crítica de gênero

Líderes que expressam disposição para usar armas nucleares são frequentemente elogiados como masculinos, fortes e decisivos, ao passo que aqueles que apoiam o desarmamento são dispensados como femininos, fracos e emocionais.

Além disso, os debates públicos e a tomada de decisões sobre armas nucleares tendem a ser dominados por homens.

Desafiar ativamente essas noções e garantir maior diversidade e inclusão de gênero melhoraria as perspectivas de sucesso no desarmamento.



Uma instalação do Artists Against the Bomb. Crédito: Miki Anagrus